

Lendas e mitos huni kuin: a jiboia branca, Duá Busen e o nascimento do *nixi pae*¹

GERSSON DAMIANI² ■ YAWWA BANÊ KAXINAWÁ³

O povo huni kuin habita um território que se estende entre o Brasil e o Peru, às margens do rio Jordão, na confluência com o rio Tarauacá, também conhecido pela população local como Tinton Henê, ou o rio de muitas voltas. Huni kuin é o chamado povo verdadeiro. Em seu idioma originário, *huni* significa verdadeiro e *kuin* significa povo. *Huni* também significa cipó, que representa o conhecimento e a sabedoria. Apesar de se autodenominarem huni kuin, são conhecidos por designio exógeno como *kaxinawá* (ou *caxinauá*). *Kaxi* se refere a morcego e *nawa* significa povo, o que os tornou o povo do morcego.

A exuberância da região deve-se não somente à diversidade da fauna e da flora mas sobretudo à riqueza cultural, histórica e antropológica que lá coexiste com a natureza há milhares de anos. Deparamos aqui com um universo radiante de lendas, que sobrevivem de geração em geração e re-

1. Expressamos nossos agradecimentos a todos que contribuíram para a realização deste ensaio e do documentário *O Poder da Cura*, a ser lançado. Agradecemos a Volker Minks e Gustavo Grandke, que contribuíram em processos criativos, de produção e pós-produção; a Luis Augusto Pereira Sobrinho e a Phillip Leite, que ajudaram na transcrição das gravações originais; e dedicamos gratidão particular ao povo huni kuin, a Sian Kaxinawa, Fabiano Kaxinawa, Mathilde Barre, Gildo Sales Kaxinawá e sua família, e, por fim, *in memoriam*, a João Sales Kaxinawá, Getúlio Sales Kaxinawá e Suero Sales Kaxinawá. As imagens contidas neste ensaio são de autoria de Yawa Banê Kaxinawá e parte integrante do documentário *O Poder da Cura* (nota dos autores).
2. Internacionalista, jurista e cineasta documentarista.
3. Cientista social, antropólogo e liderança huni kuin (também conhecido como Leopardo Sales).

tratam os traços e a história da nação huni kuin, meritória de estudos e consideração.

Nu Huni Kuin, nukunabu nuku beyakiri hitxata hariri yubakata dayakubihānabuki, nukunabu hinu nuku shepabu hanua riwekubihānabuki, hanua yurabu, nuku mijuyuh sherpabu mijuyirā hanushu hech matu nuku hatxawen yuerā nikaki uidakawe hanba. Nuku macenushu nukunabu hanua riwekubihānabuki, haskara.

Nuku mach: Tinio Hené namakishu hinu, taraya namakishu hinu, yuraya namakishu hinu, hanua aldeia Alto-baixo Rio Jordão hanua aldeia Lago Lindo hanushu. Hanua shanba xarabuta, haskara daya yubakata nukunabubu raturya xina benwara dayakubihānabuki. Dasibish nuku maerā nu 12 terra indígena nuku Huni Kuin nu hoyaki txahu. Naba yurabu 13 mil população Huni Kuin nu rayakirā na Bari shabakirā 2018. Terra indígena Purus hinu, aldeia Rio Jordão hinu Rio breu hinu, terra indígena Rio Humaitá, Praia do Cateho inu, terra indígena Praia do Carapana, aldeia Colônia 27 inu e aldeia do Penu município Feijó. Haskakenā na hariri nukunabu hishu nuku mijuyi he kene bixahung uidakawe henabu, hariri nuku beyaxabu Nuku hatxawē matu yuerā Nika kawē, hanua bayreai hariri Epa kuxipa hinuyixbu haru damiwkubihānakinā. Hurxi heih hinu, txalheh hinu, shanuhajya inu, txixixbu xina bena nuku menikubirā kanikii rā.

A lenda transcrita no decorrer deste texto, originalmente no idioma *hāxa kuin*, relata a história da jiboia branca — contada pelo antropólogo Yawa Banê, filmada e transcrita pelo documentarista Gerson Damiani ao longo das duas últimas décadas — e representa uma tentativa de compar-

4. Este trecho é uma exigua demonstração do idioma *hāxa kuin*. A transcrição tem finalidade ilustrativa; como o idioma não foi formalmente codificado na escrita, buscou-se demonstrar sua complexidade, sem ambicionar a precisão linguística. *Hāxa* significa “idioma original do povo” e advém do tronco pano. A família linguística desse tronco pode ser encontrada na Bolívia, no Peru e no Brasil. Em territórios brasileiros, encontra-se sobretudo no Acre, estendendo-se também a Rondonia e ao Amazonas. João Capistrano de Abreu (1853-1927) foi um dos maiores pesquisadores brasileiros sobre o tema; destacamos aqui a sua obra *Ra-tia Hu-ni-ku-i: A Língua dos Carinaus do Rio Ibaçu Affluente do Muru* (Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, 1914; disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3AAbreu-1914--caxinaus/abreu_1914_caxinaus_archive.pdf, acesso em: 22 mar. 2018). Ressaltamos também os trabalhos recentes e de grande relevância científica do padre sor Joaquim Maná Kaxinawá, primeiro doutor em linguística originário da nação huni kuin.

tilhar a sabedoria do povo huni kuin. Faz parte de um estudo mais abrangente sobre esse povo, seus mitos e suas lendas.

Yawa Banê Kaxinawá, ao se preparar para receber a força e o espírito da jiboia — jiboia branca das terras do rio Jordão —, revela que o conhecimento foi recebido de seu avô, Sian, que, por sua vez, o recebeu de seu bisavô, com a tradição sendo mantida por várias gerações. Ele relata: “Foi uma serpente que nos ensinou desde a criação do mundo, da nossa vida, da vida do meu povo, no nosso próprio idioma, na nossa própria língua. *gem*, o *hāxa kuin*, a língua verdadeira, que falamos na nossa comunidade”.

A quarta geração de conhecimento imediato e palpável retrata a liderança forte do cacique, da liderança e dos pajés — sábios das medicinas da natureza, que transmitem a força do universo, propiciando a cura, aos quais aqui nos referimos também como xamãs⁵.

O *huni*⁶, utilizado nos rituais, é visto como planta cultivada em forma de medicina, e é objeto de reverência profunda na cultura *kaxinawá*. A planta, tradicionalmente integrada aos rituais de cura e utilizada na bebida sagrada (*nixi poe*), permite ao pajé e a seus discípulos atingirem o estado de *miração* — definido também pelos povos originários como “força”. Ou seja, segundo a referida tradição, estar na *força*, ou na *miração*, significa que a planta sagrada atua no âmbito universal, permitindo obter contato com a flora, a fauna, entre outros planos da natureza. Tal interação fortalece a capacidade de cura, remediando males dos mais variados aspectos e origens. Referindo-se ao estado de *miração*, Yawa Banê prossegue em sua exposição⁷: “A jiboia, para mim, aparece na *força*; essa conexão já tenho de pequeno, trago dentro de mim, dentro do meu sentimento. Quando

5. Do ponto de vista do xamã, tudo aquilo que compõe a natureza possui força — pedras, chuva, vento, árvores, plantas, pessoas e animais. Vale ressaltar que a prática do xamanismo não consiste em uma religião, *per se*, e frequentemente coexiste com religiões nas mais diversas culturas, entre elas o budismo e o lamaísmo na Sibéria e Mongólia, assim como com o cristianismo na América Latina, América do Norte e Europa.

6. Refere-se à planta que compõe a bebida sacramental também conhecida como *gabasca*. O relato da referida lenda alicerça-se em realização cinematográfica documental em andamento desde 2006. As filmagens, os depoimentos e as entrevistas foram realizados no Acre, no território da nação *kaxinawá*, que se estende ao longo do rio Jordão, entre o Brasil e o Peru. Trata-se de material autoral de Gerson Damiani e Yawa Banê Kaxinawá.

tomo a bebida sagrada, o *nixi pae*, consigo receber a força da jiboia, com isso canto os mantras ensinados há gerações”.

Yawa Bané continua seu relato sobre a jiboia branca, tradicionalmente conhecida como *yuben* no idioma *hãxa kuin*:

Segundo a lenda da jiboia branca, um pajé do nosso antepassado vivia em nossa comunidade; esse pajé era um guerreiro, grande conhecedor vicia ciência da floresta, do mistério, do encantamento. Um dia o pajé resolveu caçar e aprofundar seu conhecimento das magias da floresta. Pegou seu arco e sua flecha, e foi caçar a fim de trazer alimento para sua família. Nessa caçada encontrou um pé de frutas onde os animais estavam se alimentando. As frutas caíam de uma árvore nativa, típica da floresta. Nesse lugar havia um poço gigante, nativo, onde moravam todos os animais, todos os seres que pertenciam à natureza: cobra, jacaré, peixe, raia, e esses animais eram soldados da serpente — a jiboia branca.



FIGURA 1: Bané Kaxinawá, A Comunidade, 2018.

Para chegar em suas casas, cada um desses animais tinha que passar pelo centro do castelo, onde o pai da jiboia morava. Lá havia uma comunidade, muitas vidas; não como se vive nos centros urbanos, mas sim vidas diferentes, dos animais.

A jiboia branca era uma moça muito bonita. Transformava-se em mulher e, quando voltava para a comunidade, transformava-se em cobra de novo. Durante essa transformação, ela tinha encontros com os animais ex-ternos à sua comunidade. Vinham de outras comunidades que integravam a floresta. Comumente, quem se relacionava com a jiboia era um animal muito conhecido na região, chamado *auá*, conhecido em português como anta, anta-macho, que namorava a jiboia-fêmea, na comunidade do mundo das cobras.

Todos os dias, o *auá* marcava um encontro com ela. Havia um sinal: um sino que tocava, jogava sementes, uma fruta de jenipapo, jogava no meio do lago; esse jenipapo, que caía no fundo do lago, indicava que a anta estava chamando na terra. Os pais e amigos avisavam que alguém estava chamando a jiboia lá fora. A jiboia-fêmea saía de um poço no lago e ia em direção à fruta, passava uma poção no corpo e se transformava em mulher; e a anta fazia a mesma coisa, passava uma poção e se transformava em homem. Nessa transformação havia um namoro, um namoro entre os animais.



FIGURA 2: Bané Kaxinawá, Auá, 2018.

Durante sua caçada, o pajé fez uma pequena cabana embaixo de uma árvore para caçar os animais. Lá estava ele, observando todo o movimento das cobras.

mento, o namoro dos dois, e ficou curioso, observando tudo que estava acontecendo. Percebeu que a anta e a jiboia tinham marcado um novo encontro, e se despediram. O *auá* passou a poção no corpo e se transformou em anta de novo; a jiboia fez o mesmo, e os dois voltaram para suas comunidades.

O pajé, que observou tudo, saiu da cabana. Já era tarde. Voltou à sua casa na aldeia e não relatou a ninguém o que havia acontecido. Chegou em casa e sua mulher lhe havia oferecido comida. Ele disse que não queria jantar, não tinha fome, e que estava bem, mas um pouco cansado, e ia dormir. Passou a noite inteira pensando, não conseguiu parar de pensar no que havia acontecido na floresta. A comunidade inteira foi dormir. A noite passou e, ao amanhecer do dia seguinte, ele pegou o arco e a flecha e foi novamente na direção de onde havia montado a cabana, embaixo de uma árvore e próximo ao lago encantado. Nesse dia ele pensou... refletiu... e decidiu fazer a mesma coisa que a anta havia feito no dia anterior: pegou o jenipapo no amanhecer do dia e jogou o primeiro, o segundo e, ao jogar o terceiro, os pais da jiboia avisaram que alguém a estava chamando lá na terra. Assim, a jiboia partiu para ver quem estava à procura dela, de onde havia vindo o jenipapo. Passou a poção no corpo e se transformou em mulher. Ele estava escondido em uma árvore. A moça encantadora saiu observando ao seu redor e notou o homem que estava escondido. Ela se surpreendeu e perguntou: “Quem é você?” E ele respondeu dizendo seu nome: “Eu me chamo Duá Busen, e estou aqui para conversar com você, vi tudo que aconteceu ontem à noite, achei você fascinante”. Ela respondeu que já tinha um namorado. Ele respondeu que queria conversar com ela, pois era encantadora.

Ela falou que, se ele quisesse casar com ela, teria que ir morar junto com ela, desligar-se do seu mundo. “O mundo das cobras é diferente do seu mundo, lá existem feras, tudo que você imagina existe lá dentro, existem vidas. Eu vou falar com os meus pais. Se meus pais aceitarem você como marido, eu venho buscá-lo, você me aguarda aqui que eu vou passar poção no meu corpo, vou me transformar em cobra e avisar os meus pais que nós vamos juntar nossas vidas”.

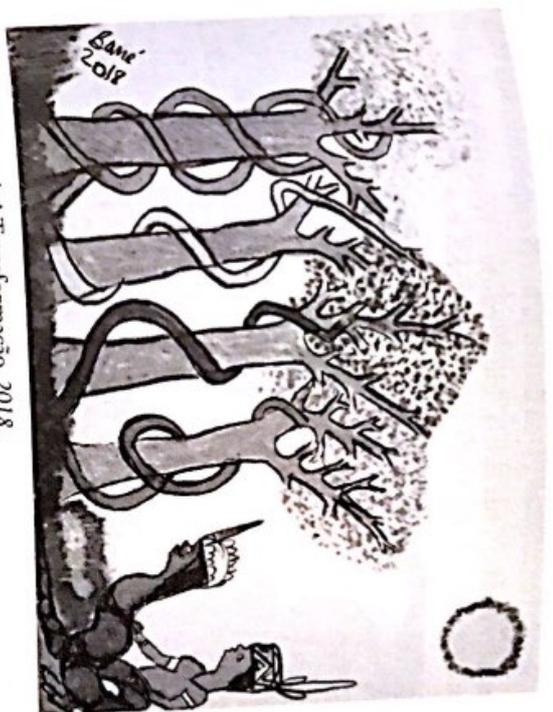


Figura 3: Bané Kaxinawá. A Transformação, 2018.

Nessa jornada, a cobra passou a poção no corpo e voltou para casa. Rapidamente os pais aceitaram e fizeram uma cerimônia para receber Duá Busen. Pediram aos animais que o respeitassem: o soldado era o peixe-elétrico Skin, ele estava com a borduna — a borduna dele, quando dá choque no coração, mata em poucos segundos; a raia estava com o arpão, o mandim com arco e flecha, e o jacaré com sua mordida accentuada. Assim, o pai avisou que havia esses soldados no caminho, mas que ninguém o importunaria. Duá Busen disse: “Tudo bem, eu aceito”. A jiboia respondeu: “Mas primeiro você deve passar uma poção no seu corpo e se transformar em cobra”. Ele passou a poção nas partes do corpo, no olho, no rosto. Pediu que ela afundasse primeiro, e ele iria logo em seguida. Tão logo a jiboia afundou, ele a seguiu. Para sua surpresa, tudo aquilo que ela havia dito estava lá. Duá Busen ficou um pouco assustado, mas sentiu segurança ao lado de sua amada.

Ao chegar ao trono da comunidade, os pais da jiboia o receberam. Havia uma força, pois todos estavam celebrando, com a planta sagrada, o *nixi puc*. No entanto, não o deixaram participar; somente quem conhecia a planta tinha permissão para participar, e ele não estava preparado para receber a bebida sagrada. Aos poucos, os animais o receberam como amigo, como

uma pessoa da comunidade; Duá Busen já havia esquecido sua vida lá fora, e não mais retornou à sua aldeia. Ele se casou e teve três filhos.

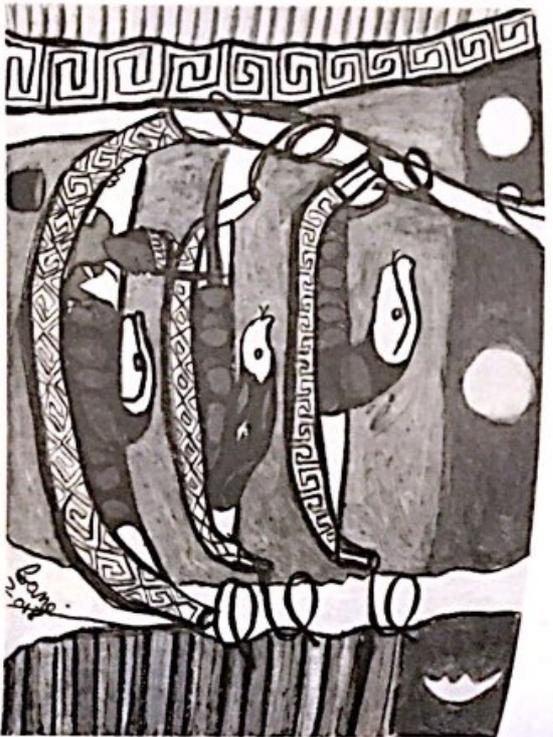


FIGURA 4: Bané Kaxinawá, Duá Busen no Mundo da Jiboia, 2018.

Contudo, Duá Busen já tinha em sua antiga comunidade três filhos, que acabou abandonando. Seus filhos o procuravam e perguntavam onde estava. Estavam tristes com a natureza por ter levado seu pai. Certo dia foram pescar em um rio e encontraram Skin, um peixe que morava debaixo d'água em uma rachadura de madeira; esses três filhos iam lá perturbá-lo, arrancar suas escamas. Skin ficava muito chateado, pois sabia onde estava o pai: ele estava morando em uma comunidade ali perto, e Skin não podia revelar aos filhos desolados.

Certo dia, lá estava Duá Busen com a jiboia, e a comunidade preparou um ritual, mas novamente não o deixaram tomar da planta sagrada. Ele estava descontente, dizia que gostaria de tomar, pois já morava lá há algum tempo. Pediu a permissão da mulher e de seus pais, e eles permitiram: "Você toma com a gente, mas já fique sabendo que o ritual do *nixi poe* é muito sério para nós, algo espiritual, próprio do nosso povo. Ao tomar a bebida, cantamos para a natureza: quando a força bate, conseguimos nossa conexão com o universo, com o Yuxibu, agradecemos pelos alimentos que existem

no nosso planeta". Assim, sentaram no terreiro, próximo à casa, em frente a uma bela fogueira, com cachimbo, todos pintados na forma de cobra. Sua mulher se enrolou em seu pescoco e lhe deu uma dose para tomar. Na terceira dose, Duá Busen já começou a mirar; ele via cores, a vida dele com as cobras, e ficou assustado. Começou a gritar, gritar muito alto: "jiboia está me engolindo, me engolindo"; em *hãxa kun*: "Yuben Bu Yuben Bu Yuben Shraiki". Isso na visão da miração.

A jiboia havia dito que essa bebida sagrada era muito forte, e ele não aguentou: "Nós vamos tirar a sua miração, mas a partir deste momento você está reprovado, não chegou a conhecer o nosso mundo".

Naquele momento tiraram a miração, deram um banho nele. Ao amanhecer do dia, o ritual acabou, e todos foram caçar; ele ficou lá sozinho. Então, o amigo Skin veio ao seu encontro, para levá-lo de volta à comunidade, a sua terra. Duá Busen voltou, passou a poção e se transformou em homem novamente. Retornou à aldeia e todos o receberam com felicidade. Estavam curiosos, pois havia sumido, procuraram por toda parte e não o acharam, nenhum vestígio dele. Assim, ele relatou o que havia acontecido: tinha se casado com uma jiboia, e contou detalhadamente toda a sua história.



FIGURA 5: Bané Kaxinawá, Skin, 2018.

Repentinamente, começou uma chuva forte, e surgiram cobras de todos os lados; estavam atrás dele. Ele ficou escondido na parte sobre a oca, no *rimen*. Ali permaneceu escondido por três meses. Sua mulher lhe levou comida. Em determinado momento, a chuva cessou e as cobras deixaram de procurá-lo. Ele ficou curioso e voltou ao mesmo lugar onde tinha conhecido a jiboia. Lá estavam os três filhos à procura dele, e um disse: "Pai, você está aqui? Você abandonou a gente. Eu não posso engoli-lo, vou chamar o meu irmão". Então ele mordeu o dedão do pé de seu pai, e ele falou: "Siri siri siri". Esse é o sinal de ajuda, para a chamar a jiboia. Quando se ouve esse som do grilo, sabe-se que a jiboia está chegando. Assim, o outro filho apareceu e disse: "Papai, como é bom encontrá-lo aqui, mas eu também não vou poder engoli-lo".

Todos os três filhos foram chamados para encontrar o pai. Eram filhotes, não podiam engoli-lo, e falaram que chamariam a mãe. Rapidamente a mãe chegou, uma jiboia muito grande, começou a engolir os dois pés e foi subindo até o umbigo. Naquele momento, Duá Busen começou a gritar, chamando as pessoas de sua comunidade. Tudo que ele havia visto na miração do *nixi pae* estava acontecendo. Era real.

A comunidade o ouviu gritando muito alto na floresta e foi ao seu socorro. Ao chegar lá, a jiboia o estava engolindo, estava acima do umbigo. Seu povo, ao chegar, conseguiu matar a jiboia, mas seus membros inferiores já estavam quebrados. Então, Duá Busen falou para uma pessoa importante da comunidade, o cacique-pajé, que ele não sobreviveria, mas que o espírito dele não morreria: sua encarnação seria exatamente naquele local, onde seria enterrado. Lá nasceria uma planta muito poderosa, que a natureza havia dado de presente para aquela comunidade, para aquela geração, e que serviria como planta sagrada. Importante sempre constar com sabedoria, respeitar e buscar aprender nessa jornada; disse que sozinho se transformaria em cipó, o *huni*. Deveriam, no entanto, enterrar a jiboia no mesmo local, pois dela nasceria o *kawá*, uma folha. Juntos, *huni* e *kawá* se transformariam na bebida sagrada *nixi pae*.



Figura 6: Bani Kavinawá, Miração, 2018.

Ao prepararem as duas plantas, lá estaria sua presença, ajudando o povo a aprender, a cantar os mantras que naturalmente se apresentariam. As pessoas que estivessem preparadas para conduzir o ritual receberiam todo o conhecimento que cantassem em *hãxa kuin*.

Assim, a comunidade prosseguiu, realizou o pedido de Duá Busen. Três meses mais tarde, as pessoas voltaram ao mesmo local, e lá havia nascido um cipó, como algo encantado, que cresceu muito rápido, e a folha também estava exuberante. Alguns se reuniram e foram colher essa planta a fim de preparar o *huni* e o *kawá*, o cipó e a folha. Prepararam o ritual em uma noite de lua cheia e todos fizeram uma homenagem à morte de Duá Busen e da jiboia. O pajé que estava conduzindo o ritual pediu que toda a comunidade observasse e sentisse a força da natureza. Duá Busen estava ali.

* * *

Tanta grandezca e esplendor constituem o que povo *huni kuin* define como *Yáxihu*. Não é um homem, nem uma mulher, e também não pertence aos reinos da flora e da fauna. É o ar que se respira, o universo, tudo que está entre a terra e o céu, mas não tem forma, somente conteúdo.